

## Do álbum de família às redes sociais: novas formas de produção e consumo de fotografias pessoais

Renata Louriane M. da S. Menezes<sup>1</sup>, Ronaldo Bispo dos Santos<sup>2</sup>.

1. Estudante de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas - UFAL; \*menezsrenata@gmail.com

2. Docente do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas, Ichca/UFAL, Maceió/AL.

Palavras Chave: *mídias digitais, fotografia, redes sociais.*

### Introdução

Desenvolvida no século XIX, a fotografia levou para as famílias a possibilidade de registrar momentos marcantes acumulando estes registros em álbuns. O costume se tornou uma tradição e não eram raros os momentos de reunião em torno daquelas recordações. Muito além de simples papéis impressos, as fotografias eram carregadas de afetividade, como se elas fossem dotadas do poder de devolver, em partes, as sensações daquele instante.

É importante ressaltar que esse processo acompanhava uma configuração familiar que tinha o lar como refúgio sagrado do indivíduo e na qual o espaço público ainda representava uma ameaça à conduta. Neste contexto, então, as fotografias familiares eram protegidas dos olhares “estrangeiros” e mantidas a sete chaves em baús ou armários.

À medida que a tecnologia se transforma, culminando na criação da fotografia digital, a sociedade também passa por profundas mudanças, que levam a reconfiguração dos modos de produzir e de se relacionar com essas imagens. Identificar as causas e de sequências dessa reconfiguração é o principal objetivo desta pesquisa.

### Resultados e Discussão

Para alicerçar esta pesquisa em uma base sociológica, foram utilizados como referências os estudos de Riesman e Goffman, teóricos que se debruçaram sobre o comportamento em sociedade no século XX e se mantêm atuais hoje. A partir dos escritos de Riesman, entendemos que os indivíduos passaram por um processo de extradição, que os leva da reclusão do lar à necessidade de ser percebido no espaço coletivo. Já Goffman nos ajuda a entender a vida em sociedade a partir de uma perspectiva teatral: o espaço público é o palco onde o indivíduo deve apresentar seu personagem e receber o feedback do público, que deve aceitar ou não aquela atuação, de acordo com os costumes pré-determinados pelo grupo.

A partir dessas teorias, identificamos os fenômenos a partir da fotografia. Se antes ela estava limitada aos álbuns de família e aos olhares de indivíduos próximos, hoje ela é exposta diariamente em redes sociais, submetida ao julgamento de amigos, colegas e desconhecidos, a partir de mecanismos como os botões curtir e comentar.

Para analisar os fenômenos empiricamente, ao final desta pesquisa foi aplicado um questionário *online*, respondido por 65 usuários de redes sociais, que nos deram os seguintes resultados:

- 79% fotografam com câmeras digitais e celular;
- 53% fazem *upload* de imagens pelo menos três vezes por semana;
- 76% dizem que a última vez que revelaram fotografias foi há um ano ou mais ou não se lembram quando foi;
- Quando questionados sobre onde armazenam suas imagens, 70% citaram o computador ou outros meios digitais, como HD externo, *smartphone* e a nuvem. Mesmo assim, muitos falam

sobre o desejo de ter imagens importantes impressas e alegam não fazê-lo por “comodismo”. Os outros 30% responderam que ainda fazem álbuns físicos, mas, em sua maioria, apenas para os momentos mais especiais, e as fotografias “cotidianas” ficam guardadas no computador.

- Na questão sobre a importância de compartilhar imagens nas redes sociais, 67% concordam que mostrar aos outros é o principal propósito, inclusive com o uso de verbos como “partilhar”, “mostrar”, “exibir”. Apenas quatro pessoas dizem não compartilhar imagens pessoais nas redes, para não ficarem expostas, e outras dizem que não sabem qual a importância, mas que o fazem por modismo ou pressão social.

### Conclusões

Com o desenvolvimento desta pesquisa, percebe-se que estamos vivendo, na verdade, a cultura dos *likes*. Nessa cultura, o importante é ver e, principalmente, ser visto. Os álbuns físicos são substituídos por pastas lotadas de arquivos .jpg nos computadores ou por álbuns virtuais abertos para o público, sob a desculpa da praticidade para acessar as imagens ou para compartilhá-las.

No novo ambiente, pouco interessa qual a tecnologia utilizada para produzir as fotografias. Por meio da análise de grupos em redes sociais, foi possível constatar que, analógicas ou digitais, elas acabam passando pelo processo de virtualização e “caem na rede” no intuito de receber retorno do público, através das ferramentas “curtir” ou “comentar”.

Apesar disso, o apego à materialidade das imagens se faz presente quando tratamos de fotografias de momentos importantes para os indivíduos, de modo que muitos relatam a necessidade de imprimi-las para guardá-las em porta-retratos ou até mesmo para presentear amigos, o que revela que a memória do computador ainda não superou a afetividade humana.

### Referências

- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Lima, Luiz Costa. (org.). **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 207 a 240.
- DIOGO, Lígia Azevedo. **VÍDEOS DE FAMÍLIA**: entre os baús do passado e as telas do presente.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LEWGOY, Bernardo. **A invenção da (ciber)cultura**. Virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço. Civitas Revista de Ciências Sociais, Vol. 9, Núm. 2, maio-agosto, pp. 185-196, 2009
- RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- SIBILIA, Paula. **Show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- THEBALDI, Bruno. **O Homo spettacularis: a intimidade como entretenimento**. Ciberlegenda, vol. 26, 136-147, 2012.